

GEOPOLÍTICA MAIS-QUE-REPRESENTACIONAL: COMO ASSEMBLAGES, AFETOS E PERFORMANCES SE RELACIONAM AO EXERCÍCIO DO PODER?

Leonardo Luiz Silveira da Silva

Colégio Militar de Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, Brasil

leoluzbh@hotmail.com

Marcia Alves Soares da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Geografia, História e Documentação, Cuiabá, MT, Brasil

marciaalvesgeo@gmail.com

Alfredo Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil

alfredo.costa@caxias.ifrs.edu.br

RESUMO

O artigo traz uma reflexão de natureza epistemológica sobre a possibilidade de usar abordagens mais-que-representacionais para interpretar a geopolítica. Com base no conceito de *assemblage*, defende-se a possibilidade de se interpretar a política internacional a partir de uma rede de interações que envolve não somente os Estados, mas também a dimensão mais-que-humana, que invariavelmente extrapola suas interações para além dos limites internacionais. O afeto e a performance são apresentados como elementos de um ciclo de causa e efeito que ilustra as relações de poder. O conceito de *assemblages* geopolíticas é proposto como um meio de apresentar as relações dos atores em rede. Discursivamente, esse conceito é central para a geopolítica mais-que-representacional.

Palavras-chave: Afeto. Performance. *Assemblages*. Política.

MORE-THAN-REPRESENTATIONAL GEOPOLITICS: HOW ARE ASSEMBLAGES, AFFECTS AND PERFORMANCES RELATED TO THE EXERCISE OF POWER?

ABSTRACT

This article offers an epistemological reflection on the potential application of non-representational approaches to geopolitical interpretation. Using the concept of *assemblage*, it argues for interpreting international politics as a network of interactions involving not only states, but also more-than-human dimensions that invariably extend their interactions beyond international borders. Affect and performance are presented as elements in a cycle of cause and effect that illustrates power relations. The concept of geopolitical *assemblages* is introduced as a means of presenting actants-in-network relationships. Discursively, the concept is developed to give shape to more-than-representational geopolitics.

Keywords: Affect. Performance. *Assemblages*. Politics.

INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX, foi possível notar a ascensão de modelos concorrentes ao realismo político, então hegemônico na análise da política internacional. Esse fato não é uma novidade, e especificamente no campo da geografia, John Agnew (1994) expôs claramente a questão no emblemático artigo "The territorial trap: the geographical assumptions of international relations theory" ("A armadilha territorial: as suposições geográficas da teoria das relações internacionais", em tradução livre). Nesse sentido, os campos de estudo das Relações Internacionais e da Ciência Política se mostraram férteis para discutir como as relações políticas são produzidas e se organizam em escala planetária.

O foco no Estado — então visto como o principal ator da política internacional — deslocou-se para novos elementos infralaterais e supranacionais, de acordo com os novos paradigmas analíticos. Se, de um lado, é difícil conceber o Estado como uma instituição inócuia da política de poder global, de outro, é notável a

consideração da ascensão da sociedade civil (Keohane; Nye Jr., 2012), do comércio (Rosencrance, 1986) e de uma miríade de propostas construcionistas que passaram a considerar que as formulações sociais — assim como ocorre com a própria ideia de nação (Anderson, 2008 [1984]) — são invenções capazes de induzir comportamentos¹.

O realismo não é um só (Diniz, 2007), e nossa preocupação não é debater sua eficácia diante dos novos arranjos do sistema-mundo. O objetivo deste artigo é apontar que, paralelamente aos Leviatãs, existem núcleos adensados de redes de diversas naturezas que invariavelmente ignoram os limites nacionais constituídos e reconhecidos, formando territorialidades a partir de agregados espaciais desconectados (ilhas metafóricas). Esses núcleos podem concentrar uma parcela importante da vida política e econômica dos estados, tornando-se relevantes não só para a governança doméstica, mas também para as relações internacionais. Consideramos eficaz tratar desses núcleos a partir de uma lógica afetivo-performática, associada aos pressupostos mais-que-representacionais. Em suma, pretendemos elaborar um arcabouço teórico que apresente esses espaços de relações adensadas como *assemblage* geopolítica. Compartilhamos a crença de que essas *assemblagens* são centrais para a geopolítica mais-que-representacional.

Keinichi Ohmae (1999), no cataclísmico título *O fim dos Estados-nação*, fez uma proposição similar ao salientar que os estados-região — parcelas dos territórios estatais que concentram a demografia, as atividades econômicas e políticas — seriam entidades políticas mais relevantes do que os próprios estados. Seguindo a tese de Ohmae, analisar o espaço compreendido por Tóquio-Yokohama seria mais relevante do que analisar o Japão na totalidade territorial. Ou seja, quando se fala do Japão no cenário internacional, fala-se, de fato, da aglomeração Tóquio-Yokohama, dada a capacidade da região em questão de se impor no cenário nacional e de se constituir como voz ativa.

Apesar do argumento de Ohmae lançar notável inspiração, este artigo não é uma resenha ou resgate de sua obra². Por meio de uma discussão de natureza epistemológica, apresentaremos a estrutura de um modelo analítico geopolítico com bases mais que representacionais. Em nossa metodologia, concatenaremos as seguintes premissas, que serão desenvolvidas posteriormente, sendo que cada uma delas integrará uma seção do artigo: (I) as abordagens ontológicas são tratadas em âmbito afetivo, não como determinadores dos fatos sociopolíticos; (II) os núcleos de aglutinação de fluxos das redes podem extrapolar os limites dos Estados-nação e se apresentar territorialmente de maneira descontínua; (III) tais núcleos devem ser chamados de *assemblage* geopolítica; (IV) a instabilidade deve ser considerada condição de tais núcleos, pois seu arranjo de redes é espaço-temporalemente localizado; (V) o exercício do poder de tais núcleos deve ser visto em uma lógica afetivo-performática, tal como pressupõem as abordagens mais-que-representacionais.

O artigo defende que compreender a geopolítica a partir das *assemblages* é um meio analítico eficaz e que corresponde com a perspectiva mais-que-representacional. Consideramos que essa compreensão é a característica central daquilo que chamamos de geopolítica mais-que-representacional. Destacamos que o artigo é essencialmente epistemológico e que, portanto, optamos deliberadamente por não aplicar seus pressupostos à esfera empírica, embora esta se apresente como um campo empírico interessante para futuras investigações. Embora o foco do artigo seja claramente a construção de uma base epistemológica para a geopolítica mais-que-representacional, reconhecemos que o texto traz algumas ideias superficiais, porém úteis, que podem auxiliar o leitor a compreender essa nova perspectiva teórica da geopolítica. De início, julgamos ser relevante pontuar que, apesar de serem socialmente construídas, as representações — incluindo o discurso e outras formas variadas de comunicação — conseguem participar do caldeirão afetivo que estimula e dá contornos à performance das pessoas, dirigindo as ações dos Estados no plano internacional. No entanto, as representações não podem ser vistas como determinantes do comportamento por serem somente uma das possibilidades que compõem esse complexo caldeirão afetivo. Essa é uma das razões pelas quais Hayden Lorimer (2005) questionou o uso do termo "não-representacional" para abordagens que transcendem essas ontologias. Ao fazer esse questionamento, o autor propôs o termo

¹ Nesse sentido, é possível ver afirmações tais como “a anarquia é aquilo que os Estados fazem dela” (Wendt, 1992) ou posicionamentos que defendem que as civilizações são os conjuntos políticos mais relevantes da política internacional (Huntington, 1997[1996]).

² É valioso esclarecer que o trabalho de Ohmae (1999) rompeu com ontologias por meio de uma análise de fluxos e territorialização. Aqui propomos que as *assemblages* geopolíticas cumprem função semelhante, todavia, a análise das relações não é baseada na tradicional trama de fixos e fluxos que repousa sobre o espaço cartesiano, algo que seria paradoxal à própria teoria mais-que-representacional.

"mais-que-representacional" como uma forma de reconhecer que as representações participam da formação das mentalidades, mas não as esgotam.

DESENVOLVIMENTO

As abordagens ontológicas como meios afetivos (I)

No início da segunda metade do século XX, movimentos de ruptura paradigmática ganharam força, influenciando parte expressiva das ciências humanas e das linguagens. São conhecidas como "viradas", destacando-se a cultural e a linguística (Ankersmit, 1998). Posteriormente, o termo "virada" tornou-se um modismo, a ponto de identificarmos uma série de "viradas" no final do século e no início do novo milênio: falam-se em viradas espacial, relacional, afetiva, emocional, neural, entre outras. Para a condução do nosso argumento neste tópico, centraremos na virada cultural e na linguística. Ambas têm em comum a predominância de pressupostos pós-estruturalistas, que ajudaram a fragilizar a construção de significados e a apontar o discurso como uma versão. O termo "intertextualidade" ganhou espaço e passou-se a discutir a "morte do autor" (Barthes, 1977), devido à consolidação da ideia de que nenhum texto é plenamente autoral. Na história, essa discussão causou controvérsias e rupturas epistemológicas. Os desenvolvimentos de Hayden White (1981; 1984) e Rudolph Ankersmit (2000; 2010) são importantes expressões dos questionamentos das narrativas e de outras formas de representação.

A ascensão do pensamento pós-estruturalista ganhou terreno paulatinamente, e certas abordagens se tornaram trabalhos icônicos dedicados à desconstrução das representações. De forma seminal, Frantz Fanon (2005 [1961]) desconstruiu a posição do colonizador e do colonizado em *Os Condenados da Terra*, sem que seu texto perdesse sua força militante. Edward Saïd (2007 [1978]) desconstruiu a visão do Ocidente sobre o Oriente. Anderson (2008 [1984]) e Billig (1995), entre outros intelectuais, esmiuçaram o caráter ontológico da nação.

No âmbito da abordagem geográfica, um movimento desconstrucionista similar foi percebido com o conceito de cultura (Mitchell, 1995), que colocou em polvorosa, autores dedicados a refletir sobre a ordem simbólica da paisagem (Cosgrove, 1996; Jackson, 1996; Duncan, 1996). Pode-se observar a sanha desconstrucionista avançando para todos os campos e discutindo a integridade de conceitos ontológicos, como os de raça (Gilroy, 1998), sociedade (Wolf, 1988) e classes (Thompson, 1987; Silva e Costa, 2020), dentre muitos outros que até então reinavam incólumes.

A desconstrução ontológica criou a ideia de que as idealizações vistas do interior de uma caverna platônica eram, na verdade, construções sociais que se tornaram convicções para muitos corações e mentes. Tais construções sociais se apresentam como ontologias/representações que participam do conjunto afetivo que assedia os sujeitos. Como afirmou Nigel Thrift (2004), a compreensão dos mecanismos de estímulo afetivo constitui uma estratégia de poder eficiente.

Bertrand Badie (1999), por sua vez, argumentou que a definição de Estado falido — um Leviatã frágil, de baixa eficácia e frágil reconhecimento institucional — é arbitrária. Percebe-se que a arbitrariedade em questão está a serviço de escusas de teor ético-moral, que justificam e estimulam a intervenção estrangeira sobre esses entes estatais pouco eficientes. A missão civilizadora (Wallerstein, 2007), participante indispensável da empreitada colonial, apresenta-se como fato de intencionalidade/funcionalidade similar às geografias imaginativas sobre um Oriente mítico, tão exploradas pela crítica aguçada de Edward Said (2007). Na política internacional, as ontologias também são temporal e espacialmente localizadas: as narrativas do terrorismo estão majoritariamente localizadas no Ocidente, enquanto o medo da devastação provocada pela resposta ao terrorismo — recentemente expressa como Guerra ao Terror — também está localizado (Pain, 2009).

É importante destacar que transcender as representações não significa substituir uma ontologia por outra. Nesse sentido, é válido mencionar que, em um exemplo cabal, Samuel Huntington (1997 [1996]) abordou um mundo organizado em civilizações como a nova referência da análise política do período posterior à Guerra Fria. A teorização de Huntington rompeu com pressupostos do realismo político, mas substituiu evidentemente a ontologia estatal pela ontologia civilizacional.

Os núcleos de aglutinação de fluxos das redes não coincidentes com os limites estatais (II)

O que a península de Kamtchatka (Rússia), a ilha de Hokkaido (Japão) e a região da Cabeça do Cachorro, no extremo noroeste brasileiro, têm em comum? Todas são regiões deslocadas do centro aglutinador da

demografia, da economia e da infraestrutura dos estados aos quais pertencem. Por esse motivo, essas regiões possuem pouca capacidade de influenciar os posicionamentos dos Estados no conjunto das decisões políticas. Esses são casos extremos que facilitam a compreensão do modelo proposto pelo japonês Keiichi Ohmae (1999). Ao rigor da leitura espacial, é necessário considerar que a expectativa de distribuição homogênea de fenômenos, fluxos, estruturas, indivíduos e/ou relações de poder nos diversos níveis (ou camadas) dos estados-nação é panglossiana. Ainda sob essa consideração, é necessário notar que a própria ideia de centralidade aglutinadora de fluxos demográficos e econômicos é arbitrária, como nos ensinam os desenvolvimentos epistemológicos de Hartshorne (1978), que incidem sobre a construção teórica do conceito de região (Silva; Costa, 2020).

As relações são estabelecidas pela rede de fluxos e fixos que enovelam espacialidades e territorializam o espaço, o que permite utilizar a metáfora da tessitura para o território (Raffestin, 2011 [1980]). Como o arranjo dos fluxos é sensível ao diacronismo, é preciso considerar que o núcleo de aglutinação se desloca espacialmente, alcançando diferentes pontos no espaço e abandonando posições que antes o integravam. Além disso, esse núcleo exibe, temporalmente, uma grande oscilação no afinamento ou no espessamento das linhas que o integram — que representam os fluxos —, estando sujeito às múltiplas formas de afetar e ser afetado.

É importante destacar que, desde os princípios vestfalianos que consagraram o estado-nação, estamos diante de condições extraordinárias do arranjo dos fluxos. É plausível admitir que nunca antes uma trama tão densa de fluxos atravessando os limites dos estados se apresentou em escala planetária. Esses efeitos são os prodígios da flexibilização produtiva. A despeito das tentativas localizadas no espaço e no tempo de controlá-los sob a escusa da proteção de contextos nacionais, as cadeias produtivas e de consumo parecem triunfar irresistivelmente na queda de braço contra os protecionismos. Por outro lado, os Estados que adotam medidas contundentes de controle das fronteiras se apresentam como obsolescências, pois os pressupostos dominantes da análise geopolítica não se aplicam a eles. Joseph Nye Jr. (2002) salientou que as sanções econômicas, tidas como mecanismos de imposição política entre os Estados, têm pouco efeito em impor mudanças nos direitos humanos em países isolados, como Myanmar e Coreia do Norte.

A flexibilização das cadeias de produção e consumo provoca mudanças na articulação dos fluxos, fazendo com que os núcleos de adensamento relacional se apresentem como transnacionais. Isso não significa que o Estado não importa, mas indica uma situação de integração possível somente em cenários nos quais as diferenças de legislação interestadual não são tão profundas a ponto de impedir a formação desses núcleos. Por outro lado, podemos imaginar que esses núcleos, uma vez formados e relevantes nos contextos nacionais, experimentem mudanças legislativas que favoreçam seu adensamento/desenvolvimento, respeitando, é claro, os princípios tácitos de combate à evasão de divisas.

Na gestão dos espaços fronteiriços, é comum a adoção de regramentos válidos apenas naquela região, ou seja, sem abrangência em todo o território nacional (Machado, 2000). Ainda deve-se destacar que, em certos momentos, o fenômeno do aluguel de soberania se manifesta, caracterizado pela permissividade da legislação para que determinado objetivo político-econômico seja alcançado (Badie, 1999). Um exemplo disso foi a venda de cerveja nos estádios de futebol durante a Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014, cujo consumo era proibido em seu interior na época, atendendo aos anseios de uma das patrocinadoras do evento³.

Assemblages geopolíticas (III)

As Teorias não-representacionais⁴ As abordagens mais-que-representacionais são um conjunto diverso que visa transcender representações, partindo da ideia de que o comportamento e o pensamento humanos não podem ser contidos em um aprisionamento representacional. No âmbito mais-que-representacional — termo de nossa preferência, em concordância com Lorimer (2005) —, as relações difusas entre objetos, humanos e outros seres nos afetam e orientam nossas performances. Entre os pressupostos da teoria, o

³ O acontecimento foi relatado pelo Jornal Estadão em reportagem de 18/01/2012, intitulada "Fifa bate o pé e garante venda de cerveja nos estádios da Copa de 2014". Ver: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/fifa-bate-o-pe-e-garante-venda-de-cerveja-nos-estadios-da-copa-de-2014>

⁴ As TNR ainda não são vastamente abordadas pela geografia lusófona, podendo ser consultadas em Paiva (2017; 2018), Silva e Costa (2022) e Silva (2022; 2023a; 2023b). Sabe-se, todavia, que formas de transcender a representação já tenham sido utilizadas por uma rede significativa de autores. Na anglofonia, os textos seminais foram elaborados por Nigel Thrift, que argumenta que as TNR são teorias propriamente ditas, mas abordagens diversas que talvez possam ser referidas como estilo (Thrift, 2000).

conceito de *assemblage* surge acompanhado de um vocabulário próprio, que inclui palavras como afeto, performance, affordances e práticas corporificadas, entre outras. Propomos que a base de uma geopolítica mais-que-representacional é sustentada pelo arranjo das *assemblages*, que interferem sensivelmente nas relações interestatais. Por isso, exploraremos aqui este conceito.

Assemblage é de difícil tradução. Em francês, tem-se observado o uso da palavra *agencement* como sinônimo (Phillips, 2006; Cresswell, 2017), pois o universo semântico de *assemblage* parece mais elástico (McFarlane, 2009). Na arqueologia, o termo se refere a um conjunto de artefatos diferentes encontrados em um sítio. Na ecologia, refere-se a uma comunidade de espécies vivendo em um espaço e tempo determinados. Nas artes, o termo é frequentemente empregado como sinônimo de *pastiche* (Anderson et al., 2012).

No âmbito das ciências sociais, o uso do termo antecede a consolidação da abordagem mais-que-representacional. Neste aspecto, uma *assemblage* é um conjunto de inter-relações entre objetos, animais, plantas e humanos que, uma vez associados, se afetam mutuamente. Por essa razão, defendemos a expressão "arranjos relacionais heterogêneos" para as *assemblages*: os arranjos relacionais se referem à espacialidade das relações em rede, e tais arranjos são qualificados como heterogêneos por envolverem uma ampla diversidade de seres vivos e objetos. Inclui-se a percepção de que os significados e as funções dos objetos são construídos exclusivamente quando inseridos nas redes de relações entre atores.⁵ (Edensor, 2005). Nos emaranhados relacionais entre pessoas e em toda dimensão mais-que-humana, são criados significados que atuam para estimular e/ou definir ritmos (Edensor, 2010), além de favorecer certos direcionamentos (vetores) no percurso dos actantes⁶.

Nas *assemblagens*, o indivíduo e o todo se entrelaçam: o todo é impactado pelo indivíduo, que também o impacta. Os arranjos relacionais heterogêneos não possuem limites de escala. Em uma possibilidade, é plausível considerar toda a extensão do planeta como palco de uma *assemblage*; em outra, podemos nos remeter aos conjuntos relacionais de um bairro ou de um mercado. Isso não significa que a preocupação com a escala é inócuia; de fato, grandes diferenças espaciais podem nos levar a considerar distintas metodologias de abordagem dos arranjos e de seus efeitos no mundo das práticas e das ideias.

O termo *assemblage* começou a ser utilizado no contexto das crescentes críticas à estabilidade do estruturalismo e à rigidez de categorias e adjetivações antagônicas (Venn, 2006). Nesse ínterim, a ideia das *assemblages* é positiva por transmitir a noção da complexidade social irredutível do mundo, fazendo delas "alternativas às totalidades orgânicas ou estruturais postuladas pela ciência social clássica" (Escobar, 2007, p. 107). A princípio, a ideia de *assemblage* pode denotar a tentativa de reificação de uma rede, mas o tempo revela a instabilidade relacional e afetiva no interior desses arranjos, o que os torna incondizentes com a suposta reificação..

As relações em rede entre seres e objetos são produzidas em uma espécie de *looping* – ou uma espiral – onde as partes em associação performam espacialmente e se afetam, estimulando novas performances, tal qual sugeriu Augustin Berque (2017) quando apresentou o conceito de *trajecção*⁷. Como Thrift (2004) nos informou, a compreensão dos mecanismos afetivos provenientes das relações de rede apresenta-se como uma eficiente ferramenta de poder. Dessa forma, a geopolítica mais-que-representacional não se limita às relações de poder que envolvem o indivíduo e a rede de interações à qual ele está conectado, mas também abrange a dinâmica do poder que, em outra escala, move as relações interestatais.

A associação entre fluxos interestatais e mudanças nas relações internacionais não é, de fato, nova. A escola francesa de geopolítica tratou da questão precocemente, com textos que remontam a Albert Demangeon e Jacques Ancel nas décadas de 1920 e 1930. Demangeon acreditava que a circulação era um fator essencial para pôr fim ao isolamento dos estados, e que os grandes eixos de circulação seriam as autoestradas da mudança e da integração. Ancel, por sua vez, considerava que os limites de um estado oscilariam como resultado de um fluxo perpétuo entre entidades políticas (PARKER, 1998). Décadas mais tarde, é importante destacar que os efeitos da consolidação da revolução teórica e quantitativa se fizeram

⁵ Termo usado para elementos em rede que englobam os não-humanos (Edensor, 2005).

⁶ Edensor (2010) identifica que a ritmanálise mostra como o poder se manifesta em práticas normativas não reflexivas, atuando afetivamente na produção de performances. Existe uma dimensão regulatória que entrelaça múltiplos ritmos que inclui a existência de semáforos, placas de trânsito, radares de controle de velocidade. Para além disso, o desenho das vias de circulação também é uma forma de induzir percursos, principalmente considerando que os custos para o acesso de vias alternativas de deslocamento são altos.

⁷ A *trajecção* é o processo evolutivo no qual o ambiente é antropizado pela técnica e humanizado pelo símbolo, o que o faz um meio humano e onde, simultaneamente, em retorno, este meio condiciona o homem para, indefinidamente, humanizá-lo de volta e assim por diante (Berque, 2017, p.6).

sentir no seio da geopolítica francesa. Geógrafos franceses, como Roger Brunet e Claude Raffestin, passaram a produzir trabalhos que utilizavam as novas ferramentas quantitativas, úteis para a compreensão da circulação espacial.⁸ (Sanguin, 2014).

É importante, contudo, apontar diferenças de natureza epistemológica entre essa abordagem francesa renovada de Brunet e Raffestin – que trata da política por meio dos fluxos – da abordagem mais-que-representacional: a geopolítica francesa com foco nas redes trata os Estados como entidades absolutas da análise geopolítica, considerando que as relações interferem em seu posicionamento no plano internacional⁹. Além disso, a abordagem é antropocêntrica, desconsiderando os efeitos das inter-relações humanas e não humanas que movem o afeto no seio do agrupamento. Já na abordagem mais-que-representacional, a análise se concentra na formação de espaços de relações — as "assemblages" — que podem extrapolar os limites estatais.¹⁰ Esses fatores afetam pessoas, animais, plantas e objetos, fazendo com que esses espaços se tornem atores relevantes da política internacional. É possível, inclusive, a formação de *assemblage* interestatal que apresente fraco ímpeto nacionalista, sendo o afeto que move seus atores a performar guiado por outros fundamentos analíticos.

Em razão de sua instabilidade espaço-temporal, não acreditamos que os Estados se constituam vigorosamente como *assemblages* permanentes delimitadas por fronteiras nacionais. É interessante pensar que, durante a eclosão de crises de diversas causas e magnitudes, certos processos dinâmicos das *assemblagens* podem se intensificar, criando configurações temporal e espacialmente localizadas, absolutamente inesperadas, mesmo para os analistas internacionais. Mesmo na ausência do que se poderia chamar de crise, o dinamismo dos processos de territorialização e desterritorialização que ocorrem na estrutura estatal nos ajuda a compreender que as redes que estruturam o território oscilam em termos de densidade e intensidade dos fluxos. O território, de fato, está em constante modificação, o que torna plausível afirmar que as relações de poder são melhor definidas por seu dinamismo do que por sua estabilidade.

A instabilidade das *assemblages* geopolíticas (IV)

As *assemblagens* não podem ser entendidas como expressões ontológicas, ao partem do pressuposto de que a instabilidade é característica desses arranjos relacionais heterogêneos. Essa instabilidade corresponde ao princípio mais-que-representacional sobre a incapacidade da dimensão social de ser presumida (Cowan; Morgan; McDermont, 2009). É importante notar que as funções dos atores que compõem as *assemblagens* não podem ser reduzidas à sua participação no todo, visto que, sem dúvida, tais atores participam de múltiplos "todos" em um dado momento (Dittmer, 2014). Dessa forma, a performance dos atores no interior das *assemblagens* é produzida também por efeitos que, a priori, possuem epicentros localizados em outros espaços.

Ao falarmos de redes, estamos nos referindo a uma trama que envolve fixos e fluxos. Numa abordagem mais-que-representacional, a instabilidade da tessitura da rede é dada pelo fato de os chamados fixos — incluindo os objetos — serem melhor entendidos como portadores de trajetórias do que como unidades espacialmente fixas. Uma síntese desse entendimento da natureza espaço-temporal é a percepção de Doreen Massey (2008 [2005]), que se refere ao espaço como um conjunto de histórias até aqui. Assim, é plausível dizer que *assemblage* é uma nomenclatura que alude a um conjunto de trajetórias que se cruzam ou se engajam em diferentes extensões.¹¹ No espaço-tempo (Featherstone, 2011).

⁸ A geopolítica caiu em um limbo nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial por ser tida como anticientífica e a favor das intencionalidades dos Estados (Costa, 2013) e passou a ser resgatada no início dos anos 1970 por meio de duas subcorrentes: a primeira, de Yves Lacoste (2005 [1976]), que assumia uma posição crítica acerca do que chamou de afastamento do geógrafo das discussões políticas; a segunda, por geógrafos como Roger Brunet e Claude Raffestin, que utilizavam os fluxos como análise da territorialização e da política.

⁹ Ou seja, fundamenta-se em pressupostos do Realismo Político, ainda que o aborde por ângulos diferentes frente às tradicionais abordagens que a antecederam.

¹⁰ Sara Ahmed (2004) reflete sobre descontinuidades territoriais a partir da ideia de "nação", entendendo que nessa esfera as emoções se tornam atributos de coletivos: circulam entre os corpos, são relacionais e se apresentam como formas de reorientação. Portanto, trata-se de uma afirmação razoável a consideração de que as emoções são socialmente mediadas, conectam e ao mesmo tempo dividem as sociedades, colaborando para a desintegração de territórios vistos como ontologias tomadas como certas [*taken-for-granted*].

¹¹ Trata-se de uma ideia que nos ajuda a refletir sobre a efetiva fixidez de um objeto – como já observado por Ingold (2007) e por Edensor (2007) -, visto que sua estabilidade se baseia também em uma certa "integridade ontológica" das coisas. A própria desintegração daquilo que é fixo, bem como a adição de novos elementos ou a restauração

Toda tentativa de descrever uma *assemblage* é a captura de um espaço-tempo localizado, incluindo não somente a inquietude daquilo que tem no deslocamento o seu apanágio, mas também dos elementos aparentemente fixos que, na verdade, se apresentam em meio a um percurso degenerativo e/ou incorporador (Ingold, 2007). Se uma rede de relações for levantada em distintas temporalidades, vislumbraremos trajetórias. Diferentemente de prever o futuro, o que teremos, na melhor das possibilidades, é a possibilidade de apontar tendências.

O exercício de poder em uma lógica afetivo-performática (V)

Na perspectiva mais-que-representacional, a identificação das *assemblages* nos permite inferir sobre uma parte da trama relacional que envolve os indivíduos. Afinal, como dissemos, os atantes-em-rede estão conectados, ao mesmo tempo, a distintos arranjos relacionais heterogêneos. A vida em rede é afetiva, o que significa que, no âmbito dos pressupostos teóricos com os quais trabalhamos, os atores afetam outros participantes das redes e, ao mesmo tempo, são afetados, ajudando a construir a forma como esses atores se comportam. Hutta (2020) reforça esse argumento ao dizer que o afeto é um indicativo de modificações nas capacidades de agir, e que tais modificações resultam justamente do encontro e das interações entre corpos.

Os pressupostos mais-que-representacionais frequentemente se referem às performances estimuladas pelo afeto como práticas corporificadas (Thrift, 2008; Macpherson, 2010), reforçando os corpos como veículos do afeto, que o carregam e, ao mesmo tempo, são recipientes daquilo que também conseguem transmitir (Pile, 2010). É relevante notar que o corpo carrega uma ancestralidade que pode remontar a temporalidades não vividas, mas que sobrevivem nos recônditos das tradições. A dança e o corpo, por exemplo, como mostraram Silva e Arruda (2021), apresentam-se como um binômio potencial para a exploração dessa temática. De fato, todo movimento corporal deve ser visto como uma performance, o que significa considerar que o movimento é um vetor resultante da trama afetiva que envolve nossos corpos.

O afeto possui duas camadas entrelaçadas: o consciente e o subconsciente (Barnett, 2008). Isso motiva geógrafos identificados com a abordagem a fazerem empréstimos teóricos da psicologia, principalmente da psicanálise. Como argumentaram Thrift (2004) e Barnett (2008), descobrir como manipular o afeto é uma forma eficiente de poder, justamente porque afeto e performance estão bastante conectados (Hutta, 2015).

Ainda que não se aproprie dos jargões mais-que-representacionais, Michael Billig (1995) explora, em um exemplo, a manipulação do sentimento nacionalista por meio da ação do Estado e de grupos sociais, algo que ele conceituou como nacionalismo banal e que explora justamente a transição nem sempre muito clara entre a consciência e a inconsciência. De fato, os seres humanos e outros corpos estão implicados no dinamismo afetivo não apenas por meio de suas percepções ou experiências subjetivas, mas também pela intensificação ou diminuição contínua das relações transcorpóreas. Embora, em princípio, as variações de afeto possam ser sentidas, nem sempre um sujeito pode percebê-las ou experimentá-las completamente (Hutta, 2020).

As relações entre afeto e performance estimularam Thrift a chamar as TNR — posteriormente chamadas mais frequentemente de abordagens mais-que-representacionais — de geografia do que acontece. Isso nos auxilia a compreender que a investigação é baseada na observação cotidiana dos atores em rede, de modo que suas relações, incluindo os afetos que carregam e transmitem, bem como suas performances, sejam captados. No campo da geopolítica, é inegável que devemos incluir na perspectiva afetiva o Estado, pois essas instituições também participam das *assemblagens* das mais variadas escalas. Apesar de estarem em um plano distinto daqueles dos seres humanos, objetos, plantas, animais e forças elementares, elas também afetam e são afetadas. É importante notar que questões relacionadas às características do Estado, como seu regime político, impactam as formas como o afeto é expresso e como se dá sua performance. No entanto, esse não é um fato excepcional para nenhum dos integrantes dos arranjos relacionais heterogêneos: todos os participantes possuem particularidades que dão contornos às formas nas quais o looping afetivo-performático se estabelece.

As relações heterogêneas das *assemblagens* geopolíticas podem causar estranheza a priori: os Estados são colocados como pares dos outros atores. No entanto, os Estados não seriam produções humanas? Por que seriam merecedores de destaque e não poderiam ser vistos no interior do conjunto de atores "humanos"? Para responder a essa questão, é importante compreender que os Estados são invenções

daqueles existentes, revela a natureza instável de sua própria composição. Tais mudanças ficam bastantes evidentes com a flexibilização da escala de observação.

humanas, mas possuem um arcabouço jurídico-institucional sistemático, historicamente construído e marcado por enfrentamentos que compõem a própria essência das narrativas que os sustentam. Isso assegura sua existência em um nível mais profundo do que as noções de cultura e nação. Na arena internacional, os Estados respondem às redes que envolvem relações entre objetos, plantas, animais, a dimensão elemental (como a força das marés, ventanias, terremotos, vulcões e furacões) e os seres humanos. Com seu caráter ontológico juridicamente respaldado tanto interna quanto externamente, destacam-se sua capacidade de afetar e ser afetado pelos demais componentes dos arranjos relacionais heterogêneos.

No âmbito das *assemblagens* geopolíticas, o sentimento nacionalista se torna um amálgama que une atores: montanhas são transformadas em ícones da paisagem nacional, como o Monte Rushmore (Estados Unidos da América); animais endêmicos se tornam símbolos importantes da nacionalidade, como no caso da moeda brasileira; árvores estampam bandeiras de estado, como o cedro do Líbano; e flores são tidas como "nacionais", como a tulipa holandesa. Explorar o nacionalismo para impor uma atmosfera afetiva sobre seus cidadãos parece um objetivo da performance do Estado.

Naturalizamos diariamente o bombardeio simbólico que nos atinge cotidianamente. Se, de um lado, o Estado se porta como um provedor afetivo, de outro, sabe-se que ele também é atingido pelo afeto em rede. É um tema que merece atenção, pois as diferenças de regime político entre os Estados geram distintas responsabilidades frente ao afeto recebido. É importante ressaltar que as atmosferas afetivas não são percebidas da mesma forma; elas conseguem moldar as capacidades de percepção, pensamento e ação, mas não são suficientes para lhes conferir contornos estanques. Entender o afeto como uma força virtual de disposição é particularmente relevante no contexto atual ao revelar novas formas de abordar os processos de desterritorialização e reterritorialização (Hutta, 2020).

O termo "atmosferas afetivas", com raízes na tradição filosófica da fenomenologia, é mais frequentemente utilizado em contextos de língua inglesa e alemã, enquanto "ambiência" é adotado por estudiosos de língua francesa, espanhola e portuguesa. Ambos se referem à emanação sensorial dos lugares. Essa experiência abrange tanto a percepção consciente quanto os afetos inconscientes das pessoas, impactando o corpo e gerando estados emocionais (Paiva, 2022). A interseção entre o espaço e os afetos nos leva a uma discussão sobre atmosferas, partindo do pressuposto de que é nesse território conceitual que a afetividade emerge (Paiva, 2017). Percebemos as atmosferas por meio de nossa sensibilidade emocional. O conceito em questão representa uma interação entre as características materiais do local e o domínio imaterial da percepção e da imaginação humanas (Pallasmaa, 2014). As atmosferas entrelaçam o aspecto representacional, o imaterial e o afetivo, indicando atividades e padrões apropriados de comportamento (Sumartojo; Edensor; Pink, 2019). São entidades relacionais que exibem tensões e entrelaços que envolvem difusão e contenção, fluidez e instabilidade. As atmosferas se tornam perceptíveis por meio de práticas, ou seja, algo que pode ser apreendido pelo próprio corpo e mediado por intermédio da linguagem, gestos, expressões musicais, religiosas ou outras formas de comunicação (Hasse, 2011).

A transposição da teorização das *assemblage* geopolíticas para a investigação empírica indica a necessidade de se analisar redes de relações que fragmentam o espaço nacional e integram certas porções do território de um Estado às suas relações exteriores. O caso do conflito russo-ucraniano permite inferir as duas situações: não apenas divergências associativas expressivas entre o leste e o oeste da Ucrânia, mas também a presença de territórios no extremo oriental do país com vínculos diversos com a Rússia. O levantamento de *assemblage* geopolítica teria provavelmente a capacidade de elucidar situações do conflito em questão, elevando os arranjos relacionais heterogêneos a um patamar relevante como chave de interpretação geopolítica.

Destaca-se ainda que a abordagem mais-que-representacional é, de certo modo, paradoxal, pois até mesmo os discursos são formas de representação. Não percebemos como escapar desse paradoxo. Talvez a ideia seja que o discurso crie uma base para o pensamento autônomo e representacional-transcendente. Laurier e Philo (2006, p. 354) afirmam ironicamente que "os autores das TNR estão lutando para descobrir a melhor forma de resistir à representação, dado que, nas duas últimas décadas, a geografia cultural construiu um edifício sobre elas".

É importante notar, contudo, que, ao se falar na busca das relações cotidianas entre atores em rede, pode-se achar que a definição das relações a serem levantadas faz parte de uma ação arbitrária do pesquisador, fazendo com que os arranjos relacionais heterogêneos sejam vistos por lentes essencialistas. O estado da arte da abordagem mais-que-representacional aponta atenuantes importantes para essa problemática: as

relações não podem ser definidas a priori pelo pesquisador, ganhando destaque somente no levantamento das relações cotidianas por meio de procedimentos como entrevistas semiestruturadas.

No caso das *assemblages* geopolíticas, as relações entre os atores são percebidas por meio de atuações, cuja descrição ou análise é extremamente variável de acordo com cada estudo. Acordos diplomáticos, fluxos comerciais e demográficos, estruturas viárias que conectam estados, investigações sobre diferenças e semelhanças entre legislações vigentes nos territórios e evidências de nacionalismo banal e seu impacto em indivíduos (por meio de entrevistas semiestruturadas) são exemplos de como esboçar as formas afetivas e performáticas das *assemblages* geopolíticas. É importante notar que as *assemblages* geopolíticas não oferecem um modelo de relações a serem investigadas. Entretanto, ressalta-se que esses arranjos relacionais heterogêneos são caminhos importantes para a compreensão das relações internacionais.

Jason Dittmer (2014), voz importante da abordagem geopolítica relacional, destacou que a base filosófica relacional é especialmente relevante para abordagens mais-que-representacionais por sua capacidade de posicionar os corpos em relação aos elementos da dimensão mais-que-humana. Dittmer destacou o potencial dos arranjos relacionais heterogêneos para os estudos da geopolítica, pois esse conceito é capaz de trabalhar a perspectiva da dinâmica territorial, desnudando os processos de territorialização e desterritorialização e permitindo conceber os territórios como realidades não estáticas.

Além disso, o autor destacou que o modo de teorização *assemblage* consegue lidar com duas grandes questões da geopolítica clássica. A primeira questão problematizada pela teorização-*assemblage* é a escala de análise. As *assemblages* subvertem a problematização da escala à medida que as relações entre agentes nos conduzem a múltiplas espacialidades, sejam elas locais, regionais ou globais. Dessa maneira, o pensamento relacional diminui o degrau entre metodologias e interpretações interescalares, levando-nos a considerar uma dimensão transcalar. A segunda questão é a desconstrução do Estado como a única entidade analítica da geopolítica, pois as *assemblages* não se restringem à espacialidade estatal. Entende-se que as relações de poder no espaço emanam de diferentes fontes e que os territórios não podem ser vistos como isotropias, mas como colchas de retalhos. Esse argumento se aproxima da argumentação de John Agnew (1994) acerca da armadilha territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos demonstrar que os pressupostos mais-que-representacionais são muito úteis para a interpretação geopolítica. Nesse sentido, o conceito de *assemblages* — os arranjos relacionais heterogêneos — é sofisticado e suficiente para abranger muitas das premissas que possibilitam a transcendência representacional, incluindo o círculo afetivo-performático como chave de leitura das relações de poder. Ousamos inserir o Estado como um agente à parte na rede de relações entre elementos heterogêneos. Apesar de ser uma construção social como tantas outras, seu arcabouço jurídico-institucional — sobretudo consolidado por meio do estado-nação — permite que o Estado perca seu protagonismo histórico no debate e se apresente como uma unidade afetada que afeta os demais elementos em rede. Essa é a razão para seu destaque no que chamamos de *assemblage* geopolítica. Nesse sentido, a geopolítica mais-que-representacional ajuda a mitigar os efeitos negativos do que John Agnew chamou de "armadilha territorial" em seu célebre artigo de 1994.

A reflexão aqui apresentada não tem o objetivo de levantar os tópicos mais relevantes para as relações entre os Estados. Pelo contrário, foi apontado que essa postura essencialista flerta com a tentativa de ontologizar as assembleias geopolíticas, soando como um paradoxo para os pressupostos mais-que-representacionais. Apresentamos um esboço metodológico para a interpretação geopolítica, que considera a existência de arranjos relacionais heterogêneos, espacial e temporalmente efêmeros e potencialmente transnacionais como elementos relevantes da política internacional. Dessa forma, consolidaremos os fundamentos de uma geopolítica mais-que-representacional.

REFERÊNCIAS

- AGNEW, J. The territorial trap: the geographical assumptions of international relations theory. *Review of International Political Economy*, v. 1, n. 1, p. 53-80, 1994. <https://doi.org/10.1080/09692299408434268>
- AHMED, S. *The cultural politics of emotion*. Londres: Routledge, 2004.
<https://doi.org/10.4324/9780203700372>
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1984].

- ANDERSON, B. et al. On *assemblages* and geography. *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 2, p. 171-189, 2012. <https://doi.org/10.1177/2043820612449261>
- ANKERSMIT, F. R. Hayden White's appeal to the historians. *History & Theory*, v. 37, n. 2, p. 182-193, maio 1998. <https://doi.org/10.1111/0018-2656.00048>
- ANKERSMIT, F. R. The representation as the representation of experience. *Metaphilosophy*, v. 31, n. 1-2, jan. 2000. <https://doi.org/10.1111/1467-9973.00134>
- ANKERSMIT, F. R. Truth in history and literature. *Narrative*, v. 18, n. 1, p. 29-50, jan. 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25609383>. Acesso em: 20 maio 2025.
- BADIE, B. *Um mundo sem soberania*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- BARNETT, C. Political affects in public space: normative blind-spots in non-representational ontologies. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 33, n. 2, p. 186-200, abr. 2008. <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2008.00298.x>
- BARTHES, R. *Image, music and text*. London: Fontana, 1977. Disponível em: <https://courses.lsa.umich.edu/jptw/wp-content/uploads/sites/23/2017/08/Barthes-ImageMusicText.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.
- BERQUE, A. A cosmofanía das realidades geográficas. *Geograficidade*, v. 7, n. 2, p. 4-16, inverno 2017. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2017.72.a12977>
- BILLIG, M. *Banal nationalism*. London: Sage Publications, 1995. <https://doi.org/10.4135/9781446221648>
- CORRÊA, R. L.; ROSENDALH, Z. A geografia cultural no Brasil. *Revista da ANPEGE*, v. 2, n. 2, p. 97-102, 2005. <https://doi.org/10.5418/RA2005.0202.0008>
- COSGROVE, Denis. Ideas and culture: a response to Don Mitchell. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v.21, n.3, p.574-575, 1996. DOI Inativo.
- COSTA, W. M. da. *Geografia política e geopolítica*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2013.
- COWAN, D.; MORGAN, K.; MCDERMONT, M. Nominations: an actor-network approach. *Housing Studies*, v. 24, n. 3, p. 281-300, 2009. <https://doi.org/10.1080/02673030902814598>
- CRESSWELL, T. Towards topopoetics: space, place and the poem. In: JANZ, B. (ed.). *Place, space and hermeneutics*. Contributions to Hermeneutics, v. 5. Springer, 2017. p. 319-331. https://doi.org/10.1007/978-3-319-52214-2_23
- DINIZ, E. *Política internacional: guia de estudos das abordagens realistas e da balança de poder*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.
- DITTMER, J. Geopolitical *assemblages* and complexity. *Progress in Human Geography*, v. 38, n. 3, p. 385-401, set. 2014. <https://doi.org/10.1177/0309132513501405>
- DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the Idea of Culture in Geography: A Reply to Don Mitchell. *Transactions of the Institute of British Geographers*, new series, v.21, n.3, p.576-579, 1996. <https://doi.org/10.2307/622599>
- EDENSOR, T. *Geographies of rhythms: nature, place, mobilities and bodies*. Londres: Ashgate, 2010. Disponível em: <https://www.routledge.com/Geographies-of-Rhythm-Nature-Place-Mobilities-and-Bodies/Edensor/p/book/9781138274549>. Acesso em: 20 maio 2025.
- EDENSOR, T. Sensing the ruin. *Senses & Society*, v. 2, n. 2, p. 217-232, jul. 2007. <https://doi.org/10.2752/174589307X203100>
- EDENSOR, T. Waste matter: the debris of industrial ruins and the disordering of the material world. *Journal of Material Culture*, v. 10, n. 3, p. 311-332, 2005. <https://doi.org/10.1177/1359183505057346>
- ESCOBAR, A. The "ontological turn" in social theory: a commentary on "Human geography without scale" by Sallie Marston, John Paul Jones II and Keith Woodward. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 32, n. 1, p. 106-111, jan. 2007. <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2007.00243.x>
- FANON, F. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005 [1961]. Disponível em: https://cursoextensao.usp.br/pluginfile.php/840060/mod_resource/content/2/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

- FEATHERSTONE, D. On *assemblage* and articulation. **Área**, v. 43, n. 2, p. 139-142, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41240476>. Acesso em: 20 maio 2025.
- GIBSON-GRAHAM, J. K. Area studies after poststructuralism. **Environment and Planning A**, v. 36, n. 3, p. 405-419, 2004. <https://doi.org/10.1068/a3652>
- GILROY, P. Race ends here. Abingdon, Oxford: **Ethnic and Racial Studies**, vol.XXXI, nº5, pp.838-847, 1998. <https://doi.org/10.1080/014198798329676>
- HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978.
- HASSE, J. Emotions in an urban environment: embellishing the cities from the perspective of the humanities. In: SCHMID, H.; SAHR, W.-D.; URRY, J. (org.). **Cities and fascination: beyond the surplus of meaning**. Surrey: Ashgate Publishing Limited, 2011. p. 49-74. Disponível em: <https://www.routledge.com/Cities-and-Fascination-Beyond-the-Surplus-of-Meaning/Sahr-Schmid-Urry/p/book/9781138255098>. Acesso em: 20 maio 2025.
- HUNTINGTON, S. **O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997 [1996].
- HUTTA, J. S. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia do poder. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 42, v. 2, Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”, p. 63-89, jun. 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7883>. Acesso em: 20 maio 2025.
- HUTTA, J. S. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, v. 70, n. 4, p. 295-309, out. 2015. <https://doi.org/10.5194/gh-70-295-2015>
- INGOLD, T. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, p. 1-16, abr. 2007. <https://doi.org/10.1017/S1380203807002127>
- JACKSON, L. Identity, language, and transformation in Eastern Ukraine: a case study of Zaporizhzhia. In: KUZIOS, T. (org.). **Contemporary Ukraine: dynamics of post-Soviet transformation**. London; New York: Routledge, 1998. <https://doi.org/10.4324/9781315703534>
- JACKSON, P. The idea of culture: a response to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, p.572-573, 1996. <https://doi.org/10.2307/622597>
- KEOHANE, R. O.; NYE JR., J. S. **Power and interdependence: world politics in transition**. 4. ed. Boston: Little, 2012. Disponível em: <https://hostnezt.com/cssfiles/internationalrelations/Power%20and%20Interdependency%20Keohane%20and%20Nye.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.
- KHMELKO, V.; WILSON, A. Regionalism and ethnic and linguistic cleavages in Ukraine. In: KUZIOS, T. (org.). **Contemporary Ukraine: dynamics of post-Soviet transformation**. London; New York: Routledge, 1998. <https://doi.org/10.4324/9781315703534>
- KOROSTELINA, K. Constructing nation: national narratives of history teachers in Ukraine. **National Identities**, v. 15, n. 4, p. 401-416, 2013. <https://doi.org/10.1080/14608944.2013.843515>
- LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, antes de tudo, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2005 [1976].
- LAURIER, E.; PHILO, C. Possible geographies: a passing encounter in a café. **Área**, v. 38, n. 4, p. 353-363, 2006. <https://www.doi.org/10.1111/j.1475-4762.2006.00712.x>
- LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being “more-than-representational”. **Progress in Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 83-94, 2005. <https://doi.org/10.1191/0309132505ph531pr>
- MACHADO, L. O. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 8, p. 7-23, jan./jul. 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323548220_Limites_e_fronteiras_da_alta_diplomacia_aos_circuitos_da_ilegalidade. Acesso em: 20 maio 2025.
- MACPHERSON, H. Non-representational approaches to body-landscape relations. **Geography Compass**, v. 4, n. 1, p. 1-13, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2009.00276.x>
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

- MCFARLANE, C. Translocal *assemblages*: space, power and social movements. **Geoforum**, v. 40, n. 4, p. 561-567, jul. 2009. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2009.05.003>
- MITCHELL, D. The end of culture? – culturalism and cultural geography in the Anglo-American “university of excellence”. **Geographische Revue**, v. 2, n. 2, p. 3-17, 2000. Disponível em: <https://geographische-revue.de/archiv/gr2-00.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.
- NYE JR., J. S. **The paradox of American power: why the world's only superpower can't go it alone**. New York: Oxford University Press, 2002. <https://doi.org/10.1093/0195161106.001.0001>
- OHMAE, K. **O fim do Estado-nação**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PAIN, R. Globalized fear? Towards an emotional geopolitics. **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 4, p. 466-486, 2009. <https://doi.org/10.1177/0309132508104994>
- PAIVA, D. Ambiance. In: BUHALIS, D. (org.). **Encyclopedia of tourism management and marketing**. Bournemouth: Bournemouth University Business School, 2022. p. 145-148. <https://doi.org/10.4337/9781800377486.ambiance>
- PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 52, n. 106, p. 159-168, 2017. <https://doi.org/10.18055/Finis10196>
- PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 53, n. 107, p. 159-168, 2018. <https://doi.org/10.18055/Finis10197>
- PALLASMAA, J. Space, place and atmosphere: emotion and peripheral perception in architectural experience. **Lebenswelt**, v. 1, n. 4, p. 230-245, 2014. <https://doi.org/10.13130/2240-9599/4202>
- PARKER, G. **Geopolitics: past, present and future**. London: Pinter, 1998.
- PEDROSA, B. V. O império da representação: a virada cultural e a geografia. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 39, p. 31-58, jan./jun. 2016. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2016.31750>
- PHILLIPS, J. Agencement/assemblage. **Theory, Culture and Society**, v. 23, n. 2-3, p. 108-109, maio 2006. <https://doi.org/10.1177/026327640602300219>
- PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 35, n. 1, p. 5-20, jan. 2010. <https://doi.org/10.1177/026327640602300219>
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Khedyr, 2011 [1980].
- RIABCHOUK, M. Civil society and nation building in Ukraine. In: KUZIOS, T. (org.). **Contemporary Ukraine: dynamics of post-Soviet transformation**. London; New York: Routledge, 1998. <https://doi.org/10.4324/9781315703534>
- ROSENCRANCE, R. **The rising of the trading state**. New York: Basic Books, 1986.
- SAÍD, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SANGUIN, A. L. Renascimento institucional e o futuro da geografia política na França a partir da década de 1970. **Revista Acta Geográfica**, Edição Especial de Geografia e Geopolítica, p. 63-81, 2014. <https://doi.org/10.18227/2177-4307.acta.v8iee.2352>
- SILVA, L. L. S. da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades**. Belo Horizonte; Montes Claros: Letramento; IFNMG, 2023a.
- SILVA, L. L. S. da. Elucidando as teorias não-representacionais. **Geotemas**, v. 13, n. 1, p. e02301, 2023b. <https://doi.org/10.33237/2236-255X.2023.4389>
- SILVA, L. L. S. da. Sobre o uso das *assemblages* nas abordagens relacionais geográficas. **Geographia Meridionalis**, 7, e0240003, n2024. <https://doi.org/10.15210/gm.v7i.26683>
- SILVA, L. L. S. da. Uma geografia do que acontece. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 16, n. 2, p. 72-85, 2022. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/rga/article/view/7573>. Acesso em: 20 maio 2025.
- SILVA, L. L. S. da; COSTA, A. O desconforto das regiões e das classes. **Geousp: Espaço e Tempo**, v. 24, n. 3, p. 533-546, dez. 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.173481>

- SILVA, L. L. S. da; COSTA, A. Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v. 42, e190818, p. 1-15, 2022. <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.190818>
- SILVA, M. A. S. da; ARRUDA, C. Movimento como convite para fazer geografias: corpo, espaço, emoções. **Geografares**, v. 1, n. 32, p. 124-143, 2021. <https://doi.org/10.47456/geo.v1i32.35557>
- SUMARTOJO, S.; EDENSOR, T.; PINK, S. Atmospheres in urban light. **Ambiances**, n. 5, p. 1-20, 2019. <https://doi.org/10.4000/ambiances.2586>
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THRIFT, N. Afterwords. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 18, n. 2, p. 213-255, abr. 2000. <https://doi.org/10.1068/d214t>
- THRIFT, N. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v. 86, n. 1, p. 57-78, mar. 2004. <https://doi.org/10.1111/j.0435-3684.2004.00154.x>
- THRIFT, N. **Non-representational theory: space/politics/affect**. London: Routledge, 2008. <https://doi.org/10.4324/9780203946565>
- VENN, C. A note on *assemblage*. **Theory, Culture & Society**, v. 23, n. 2-3, p. 107-108, maio 2006. <https://doi.org/10.1177/026327640602300218>
- WALLERSTEIN, I. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WENDT, A. Anarchy is what states make of it. **International Organization**, v. 46, p. 394-419, 1992. <https://doi.org/10.1017/S0020818300027764>
- WHITE, H. The narrativization of real events. **Critical Inquiry**, v. 7, n. 4, p. 793-798, verão 1981. <https://doi.org/10.1086/448133>
- WHITE, H. The question of narrative in contemporary historical theory. **History and Theory**, v. 23, n. 1, p. 1-33, fev. 1984. <https://doi.org/10.2307/2504969>
- WOLF, E. R. Inventing society. **American Ethnologist**, v. 15, n. 4, p. 752-761, nov. 1988. <https://doi.org/10.1525/ae.1988.15.4.02a00100>
- ZHURZHENKO, T. The myth of two Ukraines: a commentary on Mykola Riabchuk's "Ukraine: one state, two countries?". **Eurozine**, 17 set. 2002. Disponível em: <https://www.eurozine.com/the-myth-of-two-ukraines/>. Acesso em: 20 maio 2025.

Recebido em: 17/05/2025

Aceito para publicação em: 01/08/2025